

A Imprensa e o Apagamento da Memória dos Campeões Mundiais

1

Sérgio Montero SOUTO²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rj

RESUMO

As “novas verdades instantâneas” e perecíveis das redes sociais, ainda, não removeram um importante paradigma: a era de ouro do futebol brasileiro³ inscreve-se entre 1958 a 1970, intervalo em que a seleção brasileira venceu três (1958, 1962 e 1970) das quatro Copas do Mundo realizadas. Tal reconhecimento, porém, convive com intrigante contradição: parte do jornalismo esportivo dedica-se a um contínuo processo de apagamento da memória dos feitos memoráveis das gerações da era de ouro quando se trata das conquistas dos clubes em que esses jogadores atuaram. Pretendemos examinar tal processo a partir de como a imprensa contemporânea trata os títulos que os jornais e os sujeitos daquele período publicizavam como campeões mundiais de clubes.

PALAVRAS CHAVE: imprensa; era de ouro; campeão mundial, revisionismo

Desenvolvimento

Os três títulos conquistados no curto intervalo daquelas três Copas do Mundo garantiram ao futebol brasileiro a conquista do respeito mundial e nacional. Ao menos, em termos de futebol, o Brasil passou a ser visto como Primeiro Mundo (SOUTO, 2009). Mais do que respeito, ganhou a admiração, interna e externa, por produzir, em profusão, jogadores que uniam excelência técnica e poderosa capacidade competitiva, como Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Didi, Rivelino, Gerson, Jairzinho, Djalma Santos e Tostão, para citar apenas alguns dos campeões mundiais daquela fase áurea.

O reconhecimento aos seus feitos, tanto na seleção, quanto nos clubes, é alvo, ainda hoje, de estudo por acadêmicos e de outros materiais empíricos, como livros e artefatos multimídia. Seu principal registro, no entanto, consta dos jornais da época,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor em Comunicação, Professor do Curso de Jornalismo da FCS-UERJ, email: sms306406@hotmail.com

³ Ver HOLANDA (2023)

fontes documentais essenciais, inclusive, dos primeiros. Em sentido inverso aos registros de época, parte do jornalismo esportivo, a partir de determinado momento, passou a dedicar-se a um contínuo processo de apagamento da memória dos feitos memoráveis das gerações da era de ouro quando se trata dos títulos dos clubes em que atuaram esses jogadores. Tal processo dá-se em duas frentes: nas conquistas nacionais pré-1971 e nos títulos internacionais que não sejam o que a imprensa local convencionou chamar de Mundial de Clubes⁴.

Até hoje, não são muito explícitas as razões pelas quais o jornalismo esportivo deixou de considerar os vencedores dos campeonatos nacionais disputados entre 1959 e 1970 campeões brasileiros, embora, naquele período, tal forma de tratamento fosse “divulgada a milhões de pessoas através dos veículos mais importantes da imprensa nacional” (CUNHA, 2009, p. 8): “Até o popular ‘Canal 100’, documentário que levava a emoção e a beleza do futebol a cinemas de todo o país, transmitia a mesma mensagem” (Id., *ibid.*).

Uma das hipóteses levantadas por Cunha, autor do dossiê que serviu de base para a equiparação daqueles títulos ao de campeão brasileiro pós-1970, é que a *Revista Placar*, lançada em março de 1970 e principal publicação esportiva do país durante cerca de duas décadas, não teria interesse em valorizar um período do futebol brasileiro anterior a sua existência. Válida ou não a hipótese, a revista, durante longo período, não tratou como campeonatos brasileiros os títulos anteriores a 1971. Isso embora, curiosamente, a manchete do número 41 da mesma revista, no seu ano de fundação, tenha sido: “O Flu é campeão do Brasil” (*Placar*, 25/12/1970).

Na mesma edição, *Placar* publicou o tradicional pôster do time campeão de 1970 da Taça de Prata, uma das três nomeações adotadas no período entre 1959 e 1970. Por razão nunca explicitada, a revista passa, mais adiante, porém, a desconsiderar o tratamento que ela própria dera ao campeão da última edição que antecedeu à versão do Brasileiro a partir de 1971.⁵

Os títulos internos da era de ouro do nosso futebol foram, enfim, em 2011, equiparados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) às versões do Campeonato Brasileiro disputado a partir de 1971. Por isso, esta comunicação concentra-se nas conquistas internacionais dos clubes brasileiros que a própria imprensa e os demais

⁴ Oficialmente, essa competição é nomeada pela Fifa de Mundial Interclubes.

⁵ Para ler mais sobre os campeões brasileiros pré-1971, vide SOUTO (2019) e CUNHA (2009).

contemporâneos aclamavam como “campeões do mundo”, mas sofrem forte processo de invisibilização, quando não desqualificação, por setores do jornalismo esportivo brasileiro, que adota lentes contemporâneas para revisitar tal passagem do passado glorioso.

Num tempo anterior – e durante alguns anos em paralelo – à criação da Copa Intercontinental de Clubes, em 1960, times de futebol europeus e sul-americanos desafiavam-se em competições diversas em busca de estabelecer a condição de melhor equipe do mundo ou, numa gramática mais contemporânea, “campeão do mundo”. A falta de uma competição mundial organizada pela Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa) abria espaço para que outras competições, a partir de critérios distintos, se autodenominassem campeonatos mundiais, o que dava a seus vencedores a condição de “melhor time do mundo” ou “campeão do mundo”.

Os organizadores desses torneios buscaram explorar essa lacuna na definição de um *hegemon* para atrair clubes diferentes de América do Sul e Europa, proclamando o vencedor “campeão mundial”. Ainda que tal autodenominação não tenha sido reconhecida pela Fifa para quaisquer uma de tais competições, ela ajudou a aumentar o pretígio desses torneios, como fica, claro, pela relação dos clubes participantes do período em tela, e a chamar a atenção do público para a realização de competições internacionais na América do Sul. Mais interessante para os fins aqui analisados: era avaliada como tal por imprensa e torcida, como veremos mais adiante.

É importante lembrar que tratamos aqui de época em que comunicações e telecomunicações eram bem menos desenvolvidas, o que limitava o intercâmbio de partidas entre os clubes de continentes distintos. Também estamos diante de período em que a mercantilização do futebol era bem menos acentuada, o que, também, traz para o debate contemporâneo outras razões além das reconhecidas como meritocracia esportiva. Foi com aquele objetivo e nesse contexto que foram criados torneios variados, na Europa e na América Latina, para buscar definir quem era “o melhor time do mundo”.

Com formatos variados, tais torneios tinham, ao menos, duas coisas em comum: reuniam alguns dos principais clubes da época e nenhum era reconhecido, para fins de estabelecer um *hegemon*, pela Fifa, que apenas a partir de 2005 passou a realizar regularmente um torneio mundial de clubes. Acrescente-se, ainda, que tais torneios ficavam restritos a essas duas regiões, ignorando África, Ásia, Américas do Norte e Central e Oceania, que só ingressariam na competição quando essa passa a ser

organizada pela Fifa. Assim, a condição de “campeão mundial”, reivindicada por seus organizadores, era sancionada – à margem do aval institucional da entidade máxima do futebol – pela imprensa, brasileira e internacional, como é possível constatar, mesmo em pesquisas aligeiradas na internet.

Quando não havia um campeão mundial

São, ao menos, quatro os torneios, todos iniciados entre os anos 1950 e 1960, cujos organizadores reivindicavam tal condição: Torneio Internacional de Clubes Campeões Copa Rio⁶; Copa Presidente Marcos Pérez Gimenez⁷; Torneio Triangular de Caracas⁸ e Copa Intercontinental⁹.

Definir quem deve ser tratado ou não como campeão mundial escapa aos objetivos desta comunicação. Por isso, optamos por uma pesquisa exploratória, que, ao apresentar novas informações ou informações pouco observadas, contribua para abordar o problema a partir de outras angulações. O que nos move, em particular, é contribuir para um debate que leve a uma explicitação das razões que autorizam a imprensa não contemporânea dos acontecimentos a retificar e “cancelar” o que os jornais do período, incluindo veículos dos mesmos grupos, registraram. Quais as razões da reinterpretação dos fatos à luz de outros critérios e num contexto do futebol fortemente informado por valores comerciais?

Com tal foco, não pretendemos nos estender numa historiografia exaustiva, mas, ainda assim, é possível perceber que o principal argumento usado pelos defensores do

⁶ Mais conhecida como Copa Rio foi organizada pela então Confederação Brasileira de Desportos (CDB) – antecessora da CBF – com apoio da Fifa. Teve apenas duas edições (1951 e 1952). Em 1953, foi rebatizada de Torneio Octogonal Rivadavia Corrêa Meyer, e sofreu alterações, quantitativas e qualitativas, no número de clubes estrangeiros convidados.

⁷ Ou Troféu Marcos Pérez Jiménez ou Pequena Taça do Mundo era organizado pela Federação Venezuelana de Futebol e por empresários locais, sendo disputado entre equipes europeias e sul-americanas. Teve dois períodos. O de maior relevância entre 1952-1957. Após interrupção de seis anos, rebatizada de Trófeo Cidade de Caracas, teve uma edição em 1963, para retornar em 1965, sendo, então, disputada de forma não contínua por até 1975. No período a partir de 1963, a competição sofre um esvaziamento, tanto em prestígio, quanto em número de participantes. Este trabalho se atém à primeira fase.

⁸ Disputado entre equipes europeias e sul-americanas e seleções nacionais, como a argentina e a soviética, era chamado, ainda, de Torneio de Caracas e Triangular de Caracas. Teve duas fases, sendo a de maior prestígio entre 1958 e 1970, ano em que teve duas edições. A segunda fase (1976-1981) teve apenas quatro versões e menor prestígio esportivo. É à primeira que nos detivemos.

⁹ Organizada pela União das Federações Europeias de Futebol (Uefa) e pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), sua primeira versão ocorreu em 1960, sendo realizada anualmente, com dois hiatos, até 1979, com diferentes formas de disputa, variando de uma a três partidas. Em 1975 e 1978, incompatibilidades entre o calendário das duas entidades levaram ao cancelamento da competição. Em três ocasiões (1973, 1977 e 1979), a final foi entre o campeão sul-americano e o vice-europeu, já que os campeões da Europa naqueles anos recusaram-se a participar. Com as seguidas recusas dos europeus ameaçando esvaziar o torneio, a partir de 1980 e até 2004 foi transferido para o Japão, sendo rebatizado de Copa Toyota, nome da patrocinadora do torneio, e disputada numa única partida. A partir de 2005, a Fifa, que já promovera uma edição em 2000 paralela à ocorrida no Japão, assume a organização da competição de forma contínua, incorporando os campeonatos continentais africano, asiático, da América Central e da Oceania.

monopólio do Mundial Interclubes – a inexistência nos demais torneios de critérios fixos de participação dos clubes – não foi respeitado em pelo menos três edições dessa competição. Nem por isso, Independiente (1973), Boca Juniors (1977) e Olimpia (1979) são considerados menos “campeões mundiais” do que os demais.

Além disso, em 2000, houve dois vencedores pelos critérios da imprensa: Boca Juniors, campeão da Libertadores do ano anterior, e Corinthians, campeão brasileiro do ano antecedente e um dos dois convidados da Fifa como representantes do país anfitrião, o Brasil – única ocasião em que quem sedia a competição teve dois convidados. O outro foi o Vasco da Gama, finalista com o Corinthians e que poderia ter sido campeão sem vencer a Libertadores nem o Brasileiro em 1999.

Temos, assim, que, no torneio que, em determinado momento, para a imprensa brasileira, passa a deter o monopólio da condição de indicar o campeão mundial, entre 1960 e 1979 – antes de ser transferido para o Japão, rebatizado de Copa Toyota e disputado em partida única – de 20 edições, duas não foram realizadas, e três tiveram campeões sem cumprir o critério que limitava a competição aos vencedores dos dois torneios continentais. Registre-se, ainda, que tais lacunas ocorreram a partir dos anos 1970, quando em cinco ou na metade das dez edições não foi cumprida a exigência de critérios fixos de classificação para esse torneio – apontada pela imprensa pós-contemporânea como justificativa da opção pelo reconhecimento exclusivo dos campeões – ou a competição sequer foi realizada.

Entre a dialética lembrar e esquecer, os jornais constituem-se como um dos senhores da memória da sociedade, aumentando seu campo de atuação e, sobretudo, o seu poder. Devemos considerar ainda que o jornalista, ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa, as palavras que designam acontecimentos e sujeitos e ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, bem como o tipo de ilustração, dirige um olhar subjetivo sobre os acontecimentos. Mantém, assim, como essencial nesse trabalho a dialética lembrar e esquecer.

Aos relatos que devem ser perenizados, imortalizados pela prisão da palavra escrita, contrapõem-se outros que devem ser relegados ao esquecimento (BARBOSA, 1994). Como senhora da memória de uma dada sociedade e principal responsável pelas diferentes reelaborações dos fatos, a imprensa outorga-se o direito de, de tempos em tempos, visitar fatos, aos quais passa a dedicar tratamento distinto do que receberam dela própria na quentura dos acontecimentos.

Reconhecemos estar diante de questão complexa e controversa. Compartilhamos da visão de que a história é escrita a partir de perspectivas e valores mutáveis ao longo do tempo. O que era considerado aceitável ou relevante em determinado período pode receber menor valoração em outro. Além disso, novas informações e evidências podem vir à tona com o passar do tempo, levando a uma releitura do passado.

Tal concepção da história, no entanto, não deveria desconsiderar que os contemporâneos de cada época agem e tomam decisões com base em perspectivas e valores validados no momento em que vivem. Desconsiderar tais perspectivas, ao revisitar os fatos históricos com lentes contemporâneas, pode, não apenas resultar em injustiças, mas, também, ser perigoso, ao produzir uma distorção da história. Podemos pensar, por exemplo, como seriam retratados Hitler e seus inúmeros crimes de guerra, se os nazistas tivessem vencido a II Guerra Mundial. Portanto, nos parece mais importante entender os critérios da imprensa que levaram a essa mudança em relação aos títulos que ela reconhecia do que tentar estabelecer uma hierarquia de valoração de concepções do jornalismo separadas por longo intervalo de tempo.

O primeiro campeonato nacional da Argentina, por exemplo, foi disputado em 1891, tendo reunido apenas cinco times, sendo campeão o Saint Andrew's, como consta no site da Associação de Futebol Argentino (AFA)¹⁰. Embora o campeonato tenha ficado a cargo da Argentine Association Football League, primeira entidade a organizar o futebol de clubes no país, sua sucessora, a AFA, manteve o reconhecimento a todos os campeões daquele período. Realizado na chamada era amadora – de 1891 a 1931 – a competição, a prevalecer o ímpeto revisionista que busca enquadrar o passado sob lentes contemporânea, deveria ser considerada meramente amistosa pelo reduzido número de clubes participantes.

E o que dizer do primeiro campeão italiano, o Genoa, vencedor da primeira competição organizada pela Federazione Italiana del Football (FIF) – antecessora da atual Federazione Italiana Gioco Calcio (FIGC) – realizada num único dia? Batizado de Campionato Nazionale di Football 1898, reuniu apenas quatro equipes, três de Turim e uma de Gênova. O torneio teve só três partidas, todas realizadas em 8 de maio de 1898. Para isso, já começou a partir das semifinais, ambas disputadas em jogo único, com os dois vencedores enfrentando-se numa final.

¹⁰ Disponível em <<http://www.afa.com.ar/institucional/campeones-primera-division.php>>. Acesso em 8 março 2019

Os exemplos citados, capazes de provocar forte estranhamento a posteriori, obtiveram, no entanto, o reconhecimento dos seus contemporâneos, numa época em que o futebol estava na sua primeira infância. Reconhecimento reafirmado quando o comando do futebol nos dois países sofreu mudança e esse esporte entrou num regime profissional, cada vez mais encharcado por valores mercantilistas. Sabe-se que os jornais ao elevarem os fatos à condição de notícia não apresentam – nem teriam como – o acontecido na sua totalidade, mas apenas uma versão do que aconteceu. Tal recorte, embora apresentado sob a camada da objetividade, é determinado a partir de uma série de conjecturas que constituem um ritual jornalístico (TUCHMAN, 1993).

Embora trate-se de eventos separados por intervalos importantes de tempo e territórios, eles podem nos ajudar a pensar que, talvez, nem sempre valores modernos tenham de prevalecer ou, ao menos, não serem definitivos, quando a imprensa decide estabelecer e institucionalizar certas hierarquizações no futebol. Por isso, reiteramos, nos parece mais importante do que definirmos quem são os “campeões mundiais” buscar entender os critérios da imprensa brasileira que a levaram à mudança em relação ao reconhecimento dos títulos que ela própria reconhecia – e exaltava.

Os títulos do passado nas manchetes dos jornais

A título de ilustração, citamos apenas algumas manchetes de jornais daquele período. Em 23 de julho de 1951, a *Gazeta Esportiva* mancheteou: “Palmeiras campeão do mundo”, a propósito do título da Copa Rio daquele ano. Em 1 de fevereiro de 1967, ao tratar do título do Botafogo no Torneio de Caracas, o *Correio da Manhã*, um dos principais jornais brasileiros até o fim dos anos 1960, teve como manchete: “Fogo em Caracas – O Glorioso carioca é campeão do Mundo”.

As conquistas eram reconhecidas não apenas por veículos dos estados dos campeões. Em 5 de agosto de 1952, *O Diário*, de Belo Horizonte, proclamava: “Fluminense, campeão do mundo – Empate com o Corinthians por 2 x 2, na decisiva do Torneio Internacional de Clubes – A campanha dos tricolores”.

E, não apenas a imprensa brasileira. Quando o Botafogo voltou a vencer o Torneio de Caracas, em 1968, o jornal português *Record*, deu na primeira página: “Implacável!!! Vitória alvinegra em Caracas, Botafogo conquista a Mini Taça do Mundo em um jogo incrível contra o Benfica de Eusébio, Colina e Simões”. Ao lado, acompanhada da ilustração da taça com direto a “eco” na palavra campeão, tituló:

“Botafogo campeão ooo do Mundo”. A matéria é acompanhada, ainda, pela foto dos dois times perfilados antes da partida.

Na dialética lembrar/esquecer, a partir do momento em que a Libertadores e o Mundial Interclubes – Mundial de Clubes para o jornalismo nacional – entram no radar dos clubes brasileiros, tornando-se as principais competições a serem vencidas¹¹, grande parte do jornalismo nacional passa a adotar uma abordagem revisionista sobre os títulos de campeões mundiais, até então, reconhecidos pela imprensa. Temos aqui uma materialização do contraponto entre relatos que merecem ser perenizados e os que devem ser relegados ao esquecimento.

Com isso, ao mesmo tempo em que determinadas tradições são construídas e/ou inventadas, outras passam a ser invisibilizadas e/ou rebaixadas. No processo de reelaboração permanente da memória trabalhado pela imprensa, tais revisões do passado dialogam com a memória que vai sendo forjada do presente. Assim, se existem clubes que, na era de ouro do futebol brasileiro, não obtiveram “campeonatos mundiais” entre as suas conquistas, essas passam por um processo de rebaixamento, ao mesmo tempo, que os títulos do presente são exaltados.

Clubes que, naquele período, tiveram suas conquistas registradas pela imprensa e, eventualmente, não repitam contemporaneamente tal performance, podem estar fadados a não terem direito a passado nem presente relevantes. Este por ausência de meritocracia esportiva e aquele por ser “cancelado” pelo revisionismo de setores da mídia.

Vale destacar dois aspectos-chave que podem indicar pistas sobre as razões da mudança do comportamento da imprensa: o avanço dos valores de “mercado” e a tentativa de constituição de um novo *hegemon* a partir daqueles valores (SOUTO, 2019). O entendimento desse novo contexto, talvez, jogue algumas luzes sobre as resistências à aceitação por setores da mídia de que, entre o anos 1950 e 1970, a inexistência de um torneio oficial organizado pela Fifa estimulava a que clubes

¹¹ Embora não exista um consenso a respeito, nos parece que o bicampeonato do São Paulo, em 1992 e 1993, simultaneamente, da Libertadores e da Copa Intercontinental, com ampla cobertura, principalmente da imprensa paulista, mas, também de outras praças, indicou uma virada de chave no ranking das prioridades dos clubes nacionais. Até então, em 31 edições das duas competições, apenas, quatro tinham sido vencidas por equipes brasileiras: Santos (1962 e 1963), Flamengo (1981) e Grêmio (1983). Apenas seis anos após o bicampeonato do São Paulo, quatro times brasileiros foram campeões da Libertadores: Grêmio (1995), Cruzeiro (1997), Vasco (1998) e Palmeiras (1999). Todos foram derrotados na final pelo campeão europeu, mas, pela primeira vez, o Brasil tinha tantos candidatos disputando tal título num curto intervalo de tempo.

européus e sul-americanos enfrentassem-se em competições variadas em busca do reconhecimento de ser “o melhor clube do mundo”. E que a atomização de tais torneios dava-se, exatamente, pela ausência de marco que fosse clara referência para o universo do futebol. Apenas a partir do bicampeonato do São Paulo, imprensa, clubes e torcidas no Brasil passam a convergir para o entendimento de que esse monopólio deveria ser do Mundial Interclubes, ainda que persistisse a inexistência do aval da Fifa.

Mesmo assim, ressalve-se que tal reconhecimento era – e continua sendo – mais forte entre os sul-americanos e mais morno entre os europeus, que priorizam – e já priorizavam – sua própria competição, como mostra a descontinuidade do torneio nos anos 1970. Tal desdém dos clubes da Europa parece não ter sido abalado mesmo quando a Fifa passa a organizar o Mundial de Clubes, como nota-se pelo tipo de comemoração de jogadores, clubes, imprensa e torcedores dos dois continentes. Tal contraste é, ainda, mais significativo quando comparado com as celebrações pela conquista das diferentes versões da Premier League.

Em 1999, por exemplo, quando o Manchester United, da Inglaterra, venceu o Mundial Interclubes, ao derrotar o Palmeiras por 1 x 0, a *Folha de S. Paulo*, no dia da partida, titulava: “Palmeiras com fome, Manchester nem tanto”. Na matéria, os dois enviados especiais do jornal – o que já indica o investimento afetivo da imprensa brasileira – reproduzem palestra do treinador da equipe brasileira, Felipe Scolari, o Felipão. Depois de lembrar que no elenco apenas Zinho fora campeão mundial¹², ele acrescenta: “Tirando ele, esse será o título mais importante da vida de todos nós.” (Grifo do autor).¹³

Ao mesmo tempo, relatam que, enquanto o Palmeiras encara a decisão como a mais importante da sua história, o campeão europeu, “a considera apenas uma partida a mais, em meio a torneios mais valorizados pelo clube, como o Campeonato Inglês e a Copa dos Campões”. O jornal acrescenta, ainda, informação significativa para esta comunicação: o contraste entre “a excitação dos brasileiros e a indiferença dos ingleses foi o tema predominante dos últimos preparativos para a decisão de hoje”. Mais: “o desdém” do time inglês “ficou evidente, e causou irritação nos palmeirenses”. Tal

¹² Felipão referia-se ao tetracampeonato com a seleção brasileira em 1994. O próprio treinador seria campeão com a equipe nacional, oito anos depois, na Copa de 2002.

¹³ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3011199901.htm>>. Acesso em 4 abr 2023.

comportamento morno se refletia na mídia inglesa, que, informa a *Folha*, “também tem dedicado pouco espaço ao Mundial”. E na torcida do Manchester, com “pouco torcedores tendo se deslocado ao Japão para apoiar o time”.

Se desdenharam da conquista que provocava excitação entre os jogadores brasileiros, o clima foi oposto quando, poucos dias depois, ao vencer, por 2 x 1, o Bayer de Munique, a equipe inglesa venceu a Liga dos Campeões. A comemoração pela vitória atraiu milhares de torcedores às principais ruas do país. Vinte anos depois, a final, ainda, é lembrada pela União das Associações Europeias de Futebol (Uefa), que, na versão em português do seu site pergunta: “É a mais emocionante de sempre?”¹⁴

A indiferença dos europeus não impediu a crescente valorização da Libertadores e do Mundial Interclubes por clubes, mídia e torcedores brasileiros. Processo deflagrado, como aqui defendido, no início dos anos 1990, período marcado por forte avanço dos valores de “mercado” em detrimento de valores “tradicionalistas”. O uso de aspas que cerca as duas nomeações não implica tentativa de desqualificação ou juízo de valor sobre as posições em confronto. Ele deve ser lido como um alerta de que os sentidos reivindicados pelos dois campos não são aqui naturalizados, mas entendidos como processos socialmente construídos e que guardam interseções com outros movimentos para além do universo pesquisado.¹⁵

É o intervalo em que ocorrem mudanças profundas nos aspectos estruturais do futebol – universo fortemente encharcado por simbolismos associados à identidade nacional –, como a autorização para publicidade nas camisas dos clubes e para transmissões ao vivo da televisão para a mesma praça dos jogos ou, ainda, a transferência do controle das agremiações sobre seus principais ativos – os jogadores – para outros sujeitos sociais, como os empresários de atletas.

Embora a mudança nos marcos legais tenha sido fundamental para destravar o caminho para o avanço do paradigma de “mercado”, este não teria sido bem-sucedido em sua escalada se também não fossem travadas batalhas por corações e mentes dos milhões de aficionados pelo futebol, em relação aos clubes e à seleção brasileira. Era, e ainda é, preciso, desconstruir ou reconfigurar um modelo vinculado a uma determinada

¹⁴ Disponível em: <<https://pt.uefa.com/uefachampionsleague/news/0251-0e99b742bd1a-bce9bc19ec1d-1000--final-da-champions-league-de-1999-a-mais-emocionante-de-s/>>. Acesso em 4 abr 2023.

¹⁵ Para uma análise da disputa entre “tradição” e “mercado” em torno da identidade da seleção brasileira na Copa de 2002, veja SOUTO, 2009.

“tradição” do futebol nacional para que outro paradigma avance e se legitime socialmente.

Tal identidade foi forjada, principalmente, pelas três primeiras Copas do Mundo conquistadas pelo Brasil (1958-1962-1970), no curto intervalo de quatro mundiais. Mais do que os títulos, no entanto, foi a leitura feita pela imprensa sobre a forma como eles se efetivaram que contribuiu fortemente para o processo de afirmação da identidade do futebol brasileiro, que se desenhava desde o fim da década de 1930, se consolidar. E se pode acrescentar: uma identidade claramente vinculada a valores muito singulares.

A união entre torcida e seleção forjada naquelas jornadas, configuradas pela leitura da imprensa, criou uma identificação tão poderosa dos nacionais com uma determinada forma de “jogar à brasileira”, que nem as conquistas posteriores, obtidas a partir de outros paradigmas, desativaram a tensão entre os dois polos que se confrontam pela representação do futebol brasileiro: o da “tradição” e o dos “modernos”.

Pollak (1992) mostra-se conforme com as ideias de Halbwachs (1990) sobre a memória como fenômeno coletivo e social, portanto construído coletivamente e sujeito a flutuações permanentes. Ele registra, porém, que o caráter mutante da memória, tanto individual, quanto coletiva, convive com pontos relativamente imutáveis, ou talvez mais bem-dito, que gozam de relativa estabilidade. Para Pollak, é como se houvesse “elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças” (1992, p. 201).

Nas pesquisas de história de vida, isso é percebido quando as entrevistas revelam que determinados elementos passam a ser sentidos como realidade, constituindo a essência das pessoas, ainda que outros fatos possam ter versões variadas conforme os interlocutores ou os lugares de fala. Mas mesmo tais “elementos irredutíveis” podem vir a ser questionados, se agentes protagonistas, como os meios de comunicação, a partir de determinados interesses do presente – como o desejo de constituir um novo *hegemon* no futebol brasileiro a partir de valores de “mercado”, como tamanho da torcida e capacidade de arrecadação em lugar da performance esportiva – passam a desconstruir aqueles elementos (SOUTO, 2019).

A postura do jornalismo esportivo brasileiro em relação aos títulos de “campeões mundiais” que não os do Mundial Interclubes impõem àqueles a condição de elementos anteriormente irredutíveis que, agora, podem ser questionados. Tal questionamento dá-se, ora pelo lado do silêncio, ora pelo do rebaixamento, neste caso, quando atores fora

da imprensa, seja das redes sociais, seja dos clubes “campeões mundiais” daquele período, reivindicam o reconhecimento de tais feitos e sua equiparação aos feitos do presente. Na batalha pela interpretação da memória do passado, irônica e dialeticamente, tais dissidentes recorrem aos registros da própria imprensa para cobrar que esta reconheça os títulos que publicizou e exaltou, como vimos nas manchetes citadas.

Conclusão

Trabalhamos, aqui, com a hipótese de que o bicampeonato do São Paulo no Mundial Interclubes, em 1991/92, e, principalmente, a forma como foi trabalhado pela imprensa brasileira, é um dos constituintes de um processo de mudança na hierarquia do futebol brasileiro. Até então, os campeonatos estaduais, em particular os dos quatro principais centros futebolísticos – Rio, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul – rivalizavam em importância com o campeonato nacional. Outros torneios internos, como a Copa do Brasil, e internacionais, como a Libertadores e Mundial Interclubes, recebiam tratamento mais discreto da imprensa brasileira. Pretendemos dar concretude a tais afirmações com o avanço da pesquisa que coordenamos, ao examinarmos os registros dos jornais da época, mas não as consideramos arbitrarias.

Tal mudança na hierarquia dá-se, ainda, num contexto de crescente avanço de valores “mercantilistas” e da tentativa de setores do jornalismo esportivo de impor um *hegemon* ao futebol brasileiro baseado em fatores de “mercado”, como tamanho da torcida ou faturamento, em detrimento da meritocracia esportiva. Tal movimento, ao acionar a lógica lembrar/esquecer – um dos fatores seminais do paradigma do jornalismo – opera em duas frentes: passado da era de ouro e presente do futebol hipermercantilizado.

Em relação ao primeiro, invisibiliza ou rebaixa títulos que a imprensa e os contemporâneos tratavam como “campeões mundiais”. No tratamento do segundo, visa a dar um *up grade* a títulos não reconhecidos oficialmente pela Fifa como campeões mundiais. Com isso, institucionaliza uma nova hierarquia no futebol brasileiro, fortemente informada pelos que são e pelos que não são campeões mundiais.

Nesse sentido, é significativo que, se em 2017, a Fifa declarou reconhecer tais títulos e equipará-los aos dos Mundiais organizados por ela, quando o Flamengo foi à final do Mundial de Clubes contra o Liverpool, em 2019, a associação do futebol mundial destacou ser a “primeira final” do clube brasileiro no Mundial, “cancelando” a

decisão de 1981, pelo Mundial Interclubes, vencida pelos rubro-negros por 3 x 0 sobre o mesmo time inglês. Tal tratamento não é fato isolado. Quem consulta o site da entidade, constata que, na relação de clubes campeões mundiais, só constam os dos torneios organizados por ela.¹⁶

Ainda que crescentemente encharcado por valores “mercantilistas”, o futebol continua prenhe de simbolismos intimamente ligados à identidade nacional. Enquanto disputas políticas e negócios ditam fortemente as decisões de entidades e imprensa, segue poderoso o jogo da jocosidade das torcidas, marcado por fortes rivalidades. A disputa sobre quem é ou não “campeão mundial” fornece novo colorido a alimentar esse jogo paralelo dos torcedores, o que, também, ajuda a explicar a resistência dos simpatizantes dos clubes sem títulos naquele período a reconhecerem as conquistas do passado. Ao mesmo tempo, estimula fortemente agremiações que tiveram seus títulos reconhecidos no passado, mas não possuem os admitidos oficialmente pela Fifa nem os avalizados pela imprensa, a buscarem a oficialização daqueles e/ou reconhecimento do jornalismo esportivo.

Existem, ainda, movimentos contraditórios, explicáveis pelo jogo da jocosidade das torcidas. Clubes que, no passado, foram aclamados “campeões mundiais” dos torneios aqui citados, como São Paulo e Corinthians, a partir de determinado momento, empoderados pelas conquistas no Mundial Interclubes, bem como o Mundial organizado pela Fifa, desdenham os títulos do passado. O objetivo é impedir que rivais, como o Palmeiras, possam, por isonomia, usar as conquistas pretéritas dos adversários como reforço para o reconhecimento das suas.

Os três movimentos indicam que, mais do que o reconhecimento dos títulos do passado, a luta pela hegemonia do presente parece ser o principal fator a opor clubes “campeões mundiais” da era de ouro aos não campeões daquele período e/ou que têm seus títulos reconhecidos por Fifa ou imprensa. Embora mereça registro para ajudar a contextualizar o objeto aqui tratado, não é o jogo da jocosidade das torcidas o foco desta comunicação. Nosso interesse é ajudar a entender as razões e os argumentos da imprensa em relação a sua mudança do reconhecimento dos campeões daquele período.

Nosso interesse insere-se num contexto mais amplo, de como um país periférico como o Brasil lida com a sua memória e quais as consequências de uma abordagem ahistórica dos fatos. Admitimos, claro, a existência de compreensões distintas, para as

¹⁶ Disponível em <<https://www.fifa.com/en/tournaments/mens/clubworldcup>>. Acesso em 5 jun 2023.

quais tal recuperação da memória da era de ouro pode soar como nostalgia de um período idealizado. E se, em vez de clubes e jogadores, examinássemos relação dos principais nomes da literatura brasileira?

Seria saudosismo ou romancear o objeto incluir nomes como Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Cruz e Souza, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Clarice Lispector, Mário de Andrade e João Cabral de Melo, para ficarmos apenas em 11, reforçando a analogia com um time de futebol? Ou, talvez, para fugirmos de um passado datado, se deva incluir ou priorizar nomes contemporâneos, com grandes tiragens, como Paulo Coelho, que, por tal condição, reivindicou ser “o intelectual mais importante do Brasil” e sugeriu que *Ulysses*, de Joyce “poderia ser resumido a um tuíte”.¹⁷

Finalizamos publicando a relação dos times considerados por seus contemporâneos, incluindo – insistimos – a imprensa, campeões mundiais da era de ouro do futebol brasileiro, mas, posteriormente, descredenciados. Lembramos que a lista restringe-se à primeira fase dos torneios que, após interrupção mais ou menos prolongada, foram reativados, mas já num período de consolidação do Torneio Interclubes como única instância definidora no universo do futebol nacional, ainda que sem o aval institucional da Fifa, do campeão mundial de clubes. O título de campeões “cancelados” é uma provocação à reflexão sobre por que outras conquistas contemporâneas àquelas seguem reconhecidas, apenas pelo aval da imprensa sem que tais critérios sejam explicitados.

Os campeões “cancelados”

Copa Rio: Palmeiras (1951) e Fluminense (1952)

Pequena Taça do Mundo: Corinthians (1953) e São Paulo (1955)

Torneio de Caracas: Bangu (1958), Botafogo (1967, 1968 e 1970) e Cruzeiro (1970)

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Senhores da Memória. Niterói: UFF – Tese de Titular, 1994.

CUNHA, Odir. Dossiê Unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959. São Paulo, 2009.

Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa). Disponível em <<https://www.fifa.com/en/tournaments/mens/clubworldcup>>. Acesso em 5 jun 2023.

HALBWACHS, Maurice. A memória social. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁷ Disponível em <<https://entretimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/13/sou-o-intelectual-mais-importante-do-brasil-diz-paulo-coelho.htm>>. Acesso em 20 fev. 2023

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

POLLAK, Karl. Memória e identidade social. Rio de Janeiro: Estudos históricos, 5 (10), 1992.

sem autor. Campeones de Primera División. Site da Associação de Futebol Argentino (AFA), 2023.

Disponível em: <<<https://www.afa.com.ar/es/pages/campeones-de-primera-division>>. Acesso em 8 março 2019.

sem autor. Final da Champions League de 1999: a mais emocionante de sempre? Site da União das Associações Europeias de Futebol (Uefa), 2019. Disponível em:

<<https://pt.uefa.com/uefachampionsleague/news/0251-0e99b742bd1a-bce9bc19ec1d-1000--final-da-champions-league-de-1999-a-mais-emocionante-de-s/>>. Acesso em: 5 junho 2023.

sem autor. “Sou o intelectual mais importante do Brasil”, diz Paulo Coelho a revista. UOL, 2012.

Disponível em: < <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/13/sou-o-intelectual-mais-importante-do-brasil-diz-paulo-coelho.htm>>. Acesso em em 4 abril 2023.

SOUTO, Sérgio Montero. **Mercado e tradição: os colunistas esportivos e a construção da identidade da seleção brasileira de futebol na Copa de 2002**. Niterói: Tese de Doutorado da UFF, 2009.

_____. Uma revisita à era de ouro do futebol – quando os títulos do passado têm de ser driblados pelo hegemon do ‘mercado’. Belo Horizonte: Folia v.4, n.2, 2019.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas” in: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

VICTOR, Fabio e KIMURA, Marcílio. Palmeiras, com fome; Manchester nem tanto. Folha S. Paulo, 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3011199901.htm>>. Acesso em: 4 abr 2023.